

SECCÃO LIVRE

Minha terra de Piracicaba

15-11-28 II

Conservo a epigraphe.

Mais estimada e mais minha depois de ultrajada pela violencia covarde da força bruta, que espesinhou quasi um século de exemplos de rectilínea honradez administrativa e da mais pura tradição liberal em dois regimes políticos: — o da Monarchia e o da Republica.

Posta em estado de sitio, premeditadamente a transformaram em logar ermo.

Ermo e propicio para ali perpetrar-se, em ajuntamento illicito, o crime de assalto que a mentalidade governista convencionou chamar de — victoria eleitoral —.

Sentindo cada vez mais o travo da amargura, irei até o fim, doá a quem doer. Uma amizade que não reage contra a traição, não é a amizade forte, capaz de dedicações e sacrificios, como eu a compreendo.

Já mostrei no artigo anterior (O Estado de 28/10/1928) como foi que o sr. João Sampaio ficou devendo ao Dr. Paulo de Moraes e a mim a sua primeira eleição para deputado, — protecção generosa que elle negou com circumloquios do methodo confuso, para não incorrer mais uma vez na pecha que o "Correio Paulistano", em forma, inelegante, lhe irrogára, por causa da attitude bífrente de senador do P. R. P. e de revoltoso escapotado, durante os tristes dias do lamentavel pronunciamiento militar de julho de 1924.

Permaneci nesta capital durante o tempo da revolta. Não fugi para Guayauna, nem torci pelo ajuntamento militar, não obstante a antipathia que o P. R. P. me inspirava. Era e ainda sou legalista. Assisti e vi.

Não confiando, porém, no effeito da negativa propositalmente confusa, inventou elle uma compensação, qual a de ter obtido perante o Dr. Julio Mesquita uma interferencia que determinou o exito da candidatura do Dr. Paulo de Moraes a deputado federal pelo 2.º districto em 1909.

Pura fabula inverosimil. Então o chefe a quem o sr. João Sampaio se sentia venturoso de prestar obediencia, no tocante á politica de Piracicaba, era o Dr. Paulo de Moraes, intimo e velho amigo do saudoso brasileiro e immortal jornalista que foi Julio Mesquita, perante quem seria até comeco que Paulo de Moraes precisasse de um padrinho, qual o sr. João Sampaio.

A verdade era o inverso.

Tive alguma intervenção nos factos que então se passaram.

No decurso do ultimo anno da legislatura federal finda em 1908, contando com o prestigio de Piracicaba, o que vale dizer prestigio dos Moraes Barros, para nos habilitar partidariamente a indicar um candidato pelo 2.º districto federal, indaguei de meu irmão Paulo o nome em torço do qual deveriamos reunir esforços. O nome que deveriamos apadrinhar.

Pondo de lado preliminarmente o proprio nome, Paulo indicou o do sr. João Sampaio, o que veio a calhar com o pensamento que eu levava na mente.

Fiquei eu incumbido de providenciar o caso em tempo opportuno, e desde logo communiquei nessa resolução ao sr. João Sampaio que acceitou contente e agradecido.

Decorrido algum tempo, tive noticia certa de que no seio da Comissão Directora surgira outro nome.

Procurei logo o sr. João Sampaio, que já estava sciente e certo de me prevenir que em vista do nome lembrado, elle desistia em absoluto do proprio nome, não consentindo por forma alguma que continuassemos a paronymphar a sua candidatura, e acrescentou: — "mas, entendo que Piracicaba deve dar um candidato genuinamente seu, a bem da nossa politica local, e acho que não devemos cogitar de outro nome, senão o do Paulo, chefe cujo prestigio desmanchará qualquer differença".

Concordei em genero, numero e caso.

O sr. João Sampaio e eu tambem levamos o facto ao conhecimento de Julio Mesquita. Este

concordou connosco e tomou a si levar por diante o nome do Paulo, que assim veio a ser proclamado candidato e foi eleito estando ausente na Europa.

Por esta narrativa que não teme contestação de ninguém, vê-se claro que o Dr. Paulo de Moraes não ficou devendo candidatura alguma ao sr. João Sampaio, que naquelle tempo ainda era afilhado nosso.

A inventada compensação não passa de um aspecto novo e risivel do ingrato vulgar, que se apegua a um expediente deste jaez para quitar-se de amizades sagradas, e ficar de mãos livres, lá na sua consciencia, para assaltar o protector politico, emboscado atrás da força publica. O abandono de idéas e tradições liberaes, isso nada lhe importa, comtanto que o protector fique collocado na posição apparente do velhaco pusillanime que fôge de um pleito eleitoral livre e pacifico para occultar uma derrota.

E' a inversão de papeis collocada pela mais vulpina mendicidade humana.

Este caso de inversão me autoriza a recordar um precedente episodio com que o sr. João Sampaio fez a sua estréia na vida politica e no qual demonstrou que a ausencia do animo varonil, longe de ser um defeito por elle ora attribuido ao seu adversario, já era um ornato eminentemente seu.

A scena passou-se em Piracicaba em Outubro de 1901, um anno antes da morte de Prudente de Moraes.

O governo de então derramou soldados policiaes nas localidades em que os dissidentes tinham fortes elementos eleitoraes, excepção feita de Ribeirão Bonito, onde era chefe o saudoso senador Mello Peixoto, que não pactuava com fraudes e violencias, e excepção ainda de Piracicaba, onde residia Prudente de Moraes...

As cidades visinhas de São Pedro e de Santa Barbara receberam visita da soldadagem, com o cortejo infallivel das revistas, ameaças e demais actos do processo de intimidação do eleitorado, embora sem o despejo escandaloso com que a situação vigente conspurcou a cultura paulista.

Os amigos de S. Pedro e de Santa Barbara, acossados pela policia eleitoral, bradaram por soccorro junto de Prudente de Moraes, pedindo a assistencia de advogados.

Eu fui destacado para S. Pedro. Segui no mesmo dia, vesperda da eleição.

O sr. João Sampaio foi escalado para Sta. Barbara. Deveria viajar de trolly, alta noite para chegar ao amanhecer. A condução viria de lá, para ficar á sua disposição ás duas horas da madrugada, como effectivamente ficou.

Desrespeitando o compromisso tomado com o sogro elle não seguiu. O trolly regressou sem o passageiro.

No dia seguinte pela manhã, cerca das nove horas o sr. João Sampaio appareceu na residencia do sogro, que estava attendendo a uns e a outros. Era o dia da eleição, que ia correr placidamente em Piracicaba.

Vendo-o, Prudente levantou-se rapido, movido como se fôra por uma mola de aço. Hirtó, com o olhar em chispas, exclamou assombrado:

— O senhor aqui?

Silencio.

— Por que não seguiu para Santa Barbara?

— Papai não me deixou.

— Por que não me avisou?

Porque, porque devolveu a condução sem me avisar?

Eu não teria quem me impedisse de cumprir esse dever sagrado. Velho e doente, eu, eu mesmo teria ido acudir os amigos que sempre me foram leaes e dedicados.

Porque, porque não me avisou?

E o Grande Velho, exaustado, deixou-se calir sobre uma cadeira, convulsionado por um accessso de tosse.

Por enquanto, é o que me basta.

Novembro de 1928.

ANTONIO MORAES BARROS.